

OFICINAS DE PORTUGUÊS PARA SURDOS

Flávia Regina Valente

Ana Cristina Guarinello

Priscila Soares Vidal Festa

Débora Pereira Claudio

Hugo Carvalho

Universidade Tuiuti do Paraná

RESUMO

Os avanços acadêmicos, científicos e legislativos têm se tornado ferramentas especialmente frutíferas para a comunidade surda garantindo além do acesso e permanência dos alunos surdos nas escolas públicas e privadas de ensino; o direito a uma abordagem bilíngüe, na qual a rota visual de aprendizagem é privilegiada, a língua de sinais é considerada a língua natural, ou seja, a língua adquirida sem impedimento, de forma natural. Sendo esta, a primeira língua do aluno surdo. Ao passo que a língua portuguesa é ensinada na modalidade escrita da língua com princípios de segunda língua. Nesse contexto, a língua de sinais torna-se protagonista em todo o processo educativo, possibilitando por meio dela que os alunos participem das discussões e acessem os conteúdos e as atividades escolares propostas. A luz nessas idéias, esse grupo de pesquisadores objetiva discutir o uso da língua portuguesa por um grupo de surdos e suas possibilidades de trocas linguísticas e culturais durante as atividades realizadas em oficinas de português para surdos. Os dados foram coletados em 2011, durante 18 oficinas em um colégio estadual para Surdos, localizado em Curitiba, Brasil. Fizeram parte oito surdos e quatro pesquisadores da Universidade Tuiuti do Paraná. Os resultados demonstram que por meio das oficinas participantes surdos passaram a ressignificar a língua portuguesa escrita; tendo assim a possibilidade de inserir-se em práticas sociais de leitura e escrita que diretamente podem melhorar sua qualidade de vida.

PALAVRAS-CHAVE: letramento, surdez, qualidade de vida

ABSTRACT

Academic, scientific and legislative advances have become tools especially fruitful for the deaf community ensuring the access and retention of deaf students in public and private schools, the right to a bilingual approach, in which the visual route to learning is privileged, and Sign Language considered as a natural language, that is, the language acquired without obstacles, in a natural way. In this way, sign language is considered as deaf student's first language while portuguese is taught in the written form as a second language. In this context, Sign Language takes the main role in the whole educational process, by allowing through it the students to participate in discussions and access content and school activities proposed. In light of these ideas, this group of researchers aims to discuss the use of Portuguese by a group of deaf people and their possibilities of linguistic and cultural exchange during the activities carried out in Portuguese language

workshops for deaf. The data were collected in 2011, over 18 workshops in a state school for the Deaf, located in Curitiba, Brazil. The group was formed by eight deaf and four researchers from Tuiuti University of Paraná. The results show that through workshops, deaf participants began to reframe the written Portuguese language, and thus the possibility of entering into social practices of reading and writing that can directly improve their quality of life.

Keywords: literacy, deafness, quality of life

INTRODUÇÃO

As demandas educacionais têm colocado os processos de apropriação e desenvolvimento da leitura e escrita em frequente discussão. Tal, processo, contudo, tem apontado, sobretudo para diferentes concepções sobre o que significa se apropriar dessa modalidade de língua. Assim como, do papel que essa exerce na constituição dos sujeitos. (Lodi, 2004; Guarinello, 2007). Os avanços acadêmicos têm evidenciado, por meio de pesquisadores, a necessidade de se abordar as práticas sociais de leitura e escrita. Segundo Massi et al, 2003, de forma que estes sujeitos possam fazer uso significativo dessa modalidade de linguagem nos diferentes contextos em que ela está inserida. Nessa perspectiva, o conceito social de letramento, postulado em território nacional por Soares (2004) e outros teóricos, têm sido o fio condutor de estudos e práticas diretamente ligadas aos processos de apropriação de leitura e da escrita tanto no campo educacional quanto na saúde, bem distantes, dos conceitos fundamentados apenas em atividades de decodificação e codificação para desenvolver habilidades básicas de leitura e escrita.

Apesar dos estudos e práticas estarem voltados à capacidade de uso competente da leitura e escrita, pesquisas realizadas no decorrer do século XX, sobre o índice de analfabetismo, apontam um decrescente quadro a respeito, levando em conta, para tal, a possibilidade de decodificação e codificação da escrita.

Partindo da pesquisa realizada com 2.000 brasileiros, idades entre 15 e 64 anos, de todas as regiões do Brasil, pelo INAF – 2001 (Índice Nacional de Alfabetismo Funcional), a qual revela que além de 9% de analfabetos, somente 26% da população brasileira possui capacidade de ler textos longos, relacionar informações contidas nesses textos, e até mesmo fazer inferências. E de acordo com Ribeiro (2004), o que deve ser analisado, não é apenas o analfabetismo, mas a incapacidade de fazer uso da leitura e da escrita de forma significativa nos diferentes contextos sociais.

Deste modo, apesar da nossa população ser considerada na sua maioria alfabetizada está distante de conseguir interpretar e elaborar textos. Isso quer dizer, de atingir o nível pleno de letramento.

Letramento entendido aqui, segundo Soares (2004) como o exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita, envolvendo o ato de ler e escrever para cumprir objetivos sociais diversos, ou seja, com o papel de informar, contar história, elaborar um requerimento, divertir, orientar, disseminar conhecimentos, entre outros. Ao passo que, alfabetização é o domínio da tecnologia para ler e escrever. Dizendo em outras palavras, é quando se adquire o código escrito fazendo relações entre letras e sons, aprendendo a

forma que se escreve, dominando regras ortográficas. Para autora, é fato que existe uma aproximação entre letramento e alfabetização. Entretanto, ainda que, o fenômeno do letramento tenha forte relação com o alfabetismo esses são processos que não se confundem.

Embora sejam variadas as práticas de leitura e escrita sob o ponto de vista social, igualmente são muitas, variadas e complexas as habilidades, conhecimentos e atitudes necessárias para o exercício dessas práticas. Nesse sentido, não é tarefa fácil, balizar o nível de letramento dos sujeitos.

No entanto, definir formas de avaliação e medição de letramento é fundamental para que se possam perceber os índices de progresso de uma sociedade, conforme Garcia e Mori de Angelis (2004). E a partir destes, organizar e planejar políticas de bem estar social de modo a promover melhor qualidade de vida.

A luz dessas ideias é indispensável promover o letramento enquanto prática discursiva junto à população para que esta possa exercer a sua plena e efetiva cidadania por meio de ações intercedidas pela linguagem escrita.

Numa pesquisa realizada por Guarinello et al (2009) com universitários surdos levando em conta o estudo realizado pelo INAF – 2001 (RIBEIRO, 2004) concluem que tanto no contexto da surdez quanto no contexto do ouvinte, ainda nos deparamos com sujeitos que apresentam dificuldade em relação ao processo de interpretação de texto e produção. Para a autora, é necessário promover ações voltadas para o letramento que contemplem práticas envolvendo os mais diversos tipos de gêneros textuais tanto para os sujeitos surdos quanto para os ouvintes desde as séries iniciais do ensino fundamental até o ensino superior para que estes possam atingir um nível de letramento satisfatório.

Quanto ao contexto da surdez vale lembrar que por conta dos avanços legislativos por meio do Decreto 5626/2005 pessoa surda é aquela que interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura por meio da língua da sinais. Esta, por sua vez, tem direito a uma abordagem educacional bilíngue - na qual a rota visual de aprendizagem é privilegiada, a língua de sinais é considerada a língua natural, sendo esta, a primeira língua do sujeito surdo. Ao passo que a língua portuguesa é ensinada na modalidade escrita da língua com princípios de segunda língua. Nesse contexto, a língua de sinais torna-se protagonista em todo o processo educativo, possibilitando por meio dela que os surdos participem das discussões e acessem os conteúdos e as atividades escolares propostas.

Além disso, para o surdo a prática social da modalidade escrita da língua torna-se possível pelo contato com adultos usuários e competentes nesta modalidade e pela imersão desta em atividades significativas. Porém, Svartholm, (1999); Guarinello, Massi e Berberian, (2007), diz que no caso específico da escrita, o surdo deve partir de experiências com a língua que já possui, em geral a língua de sinais, para construir e desenvolver a escrita.

Todavia, mesmo com esses avanços legislativos e educacionais, a escola ainda não contempla as especificidades pedagógicas dos surdos. Nela, por vezes, a linguagem e as atividades mecânicas e descontextualizadas de leitura e escrita contribuem para que o surdo não obtenha êxito na apropriação da escrita.

Por outro lado, a criança surda em casa, por não ter acesso a livros e jogos que propiciem a leitura, muitas vezes, é impossibilitada de formular hipóteses sobre o objeto escrito e perceber as diferenças entre escrita, fala e língua de sinais.

Se por um lado, a escola tem dificuldade de entender as questões educacionais do surdo e por outro a inserção deste nessas questões, esta ainda, deixa a desejar por não promover atividades significativas com a linguagem escrita para que a criança surda possa entender a função social dessa língua, bem como compreender as diferenças entre a língua portuguesa e a língua de sinais e usar cada língua de acordo com suas regras.

Contudo, a criança surda tão somente será capaz de entender e estabelecer essas diferenças mediante um intercâmbio entre essas modalidades de línguas.

Diante disto, a proposta de pesquisa aqui apresentada parte do princípio que a construção da linguagem escrita se dá por meio de um processo, no qual a interferência de um adulto letrado proficiente em língua de sinais é fundamental, haja vista que este tem a função de orientar, mediar e atribuir sentido à escrita. E, por fim, considerando os conhecimentos de mundo e partilhado, estabelecer sentido aos textos.

Para o desenvolvimento desse trabalho, assumimos que o sujeito se constitui pela linguagem, por meio da interação com o outro. Nossas reflexões serão baseadas nos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin (1995), autor que reconhece a linguagem enquanto atividade constitutiva do sujeito. Nesse sentido, para estudar a atividade da linguagem, é preciso levar em conta sua historicidade, os sujeitos e o contexto social que, sem dúvida, provocam mudanças tanto nas relações sociais como nas comunicacionais.

O embasamento constitutivo dessa teoria está ligado às relações entre língua, linguagem, história, sujeito, concepção de linguagem, de produção e construção de sentidos apoiadas nas relações discursivas produzidas por sujeitos historicamente situados. Essas relações da teoria bakhtiniana instauram os estudos da linguagem “como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida e responsável” (BRAIT, 2008, p.10).

A proposta de Bakhtin vai ao encontro de uma reflexão filosófica sobre a linguagem. Não a percebendo como estritamente científica, a linguagem é então um fenômeno social da interação verbal, sendo essa uma atividade produzida por meio de práticas socioculturais que não podem ser quantificadas.

Nessas condições, Bakhtin, ao estudar a linguagem, não trata apenas da língua em si e de sua estrutura, mas do ser que utiliza a linguagem, extrapolando o sentido de categorias gramaticais abstratas, pois a considera em seu uso no meio social organizado, que fortalece o sentido de relações dialógicas. O autor reconhece então o complexo sistema de relações entre pessoas socialmente organizadas e não somente as relações entre as palavras.

Portanto, a língua é ação sobre o outro, saturada de conteúdo axiológico, e por meio dela é possível a construção de experiências nas quais se instaura um processo de significação e reflexão sobre a realidade (FERNANDES, 1998). Assim, a língua é um fenômeno puramente histórico.

Nesse percurso, rejeitamos uma visão que privilegia unicamente os processos internos dos sujeitos surdos e entendemos tais sujeitos a partir da permanente troca dialética que estabelecem com o mundo social em que estão inseridos. Mediante essa reflexão sobre conceitos da linguagem na perspectiva bakhtiniana, percebe-se a importância do que é dito pelo sujeito: seu dizer não é feito no vazio, pois traz consigo

significantes marcos históricos e conceitos atrelados que foram construídos no decorrer do tempo.

Essa compreensão nos permite focalizar a constituição da subjetividade em função da interação verbal, por se organizar a partir de um conjunto de valores que refletem e refratam diferentes visões de mundo. Dessa forma, a leitura e a produção textual de um sujeito estão vinculadas a um emaranhado de valores que permeiam suas relações sociais e interacionais. Sabe-se que essas atividades estão relacionadas com o modo como esse sujeito se afirma e é inserido no mundo, pois o sujeito o sujeito constrói suas experiências que, como já dito, instauram-se em um processo de significação e reflexão sobre a realidade.

A partir dessas considerações, pode-se afirmar que o uso da linguagem escrita não se resume apenas ao aspecto orgânico e fisiológico do sujeito surdo, mas pode ser compreendido através do próprio universo de constituição permanente da consciência desse sujeito marcado socialmente pela e na intersubjetividade.

Em vista do que foi discutido até o momento esse trabalho objetiva discutir o uso da língua portuguesa por um grupo de surdos e suas possibilidades de trocas linguísticas e culturais durante as atividades realizadas em oficinas de português para surdos

METODOLOGIA

Esse estudo aqui apresentado está vinculado ao Núcleo de Trabalho “Linguagem, surdez e educação” que conta com alunos da graduação em Fonoaudiologia e do Mestrado e Doutorado em Distúrbios da Comunicação da Universidade Tuiuti do Paraná. O referido núcleo visa o desenvolvimento de pesquisas capazes de oferecer elementos teórico-práticos para o atendimento clínico de pessoas surdas, bem como para práticas envolvidas com orientação escolar e familiar, integração social e profissional do mesmo. Ressalte-se que esse projeto é uma parceria entre: a Universidade Tuiuti do Paraná, o Colégio Estadual para Surdos Alcindo Fanaya Junior (Curitiba/Pr) e o CAS (Centro de apoio aos profissionais da educação de surdos do Paraná).

Os dados foram coletados, de agosto a dezembro de 2011, durante oficinas de português para um grupo de surdos. Foram realizados 18 encontros semanais e com a duração de duas horas. Os encontros ocorreram nas dependências do Colégio Estadual para Surdos Alcindo Fanaya Junior, localizado em Curitiba, Paraná. Faziam parte do grupo oito surdos¹ com idades entre 14 e 33 anos. O critério para escolha dos surdos foi que estivessem cursando o ensino médio ou já tivessem concluído o mesmo. Nossa hipótese é que até esse período os participantes já tivessem passado por práticas de letramento.

Com relação aos participantes do grupo, um estava cursando o ensino médio, quatro já haviam concluído o ensino médio, 1 estava cursando nível superior e dois já haviam concluído o nível superior. O grupo também era composto por quatro pesquisadores da Universidade Tuiuti do Paraná: uma fonoaudióloga, docente do curso de Graduação em Fonoaudiologia e do Programa de Mestrado e Doutorado em

¹ Para nos referirmos aos participantes da pesquisa usaremos as iniciais de seus nomes.

Distúrbios da Comunicação, coordenadora do grupo, uma psicóloga discente do Programa de Doutorado em Distúrbios da Comunicação, uma educadora discente do Programa de Mestrado em Distúrbios da Comunicação e um estudante do Curso de Graduação em Fonoaudiologia. Ressalte-se que todos possuíam proficiência em Língua de sinais, sendo que os três últimos eram intérpretes de Libras.

Todos os encontros foram filmados e transcritos, além disso, em um caderno foram feitos os registros diários de cada encontro contendo objetivos e estratégias utilizados e as observações feitas pelos pesquisadores.

Para priorizar a natureza interativa da linguagem, foram utilizados diferentes gêneros textuais, dentre esses, notícias de jornais, tirinhas de gibi, filmes, relatos autobiográficos, histórias de surdos famosos, críticas de cinemas etc. O trabalho com gêneros foi enfatizado por ser um meio social de produção do discurso e porque os gêneros são meios que dão forma e viabilizam a materialização das atividades enunciativas.

Em todos os encontros procurou-se enfatizar a escrita em contextos significativos, nos quais os sujeitos fossem capazes de interiorizar a Língua Portuguesa e perceber sua funcionalidade. Todas as interações discursivas ocorridas nas oficinas foram estabelecidas por meio da língua de sinais.

DISCUSSÃO E ANÁLISE

A seguir, teremos textos escritos pelos alunos surdos durante a Oficina de Português. Uma das dificuldades percebidas durante a realização dos encontros foram as diferenças no nível de letramento dos alunos participantes. Enquanto alguns alunos da Oficina que cursavam a Universidade buscaram a Oficina para o aprimoramento do português, outros almejavam um dia cursar uma faculdade e tinham grande dificuldade em se expressar através da escrita.

O texto a seguir foi escrito após assistirem o filme *Black*. O filme conta a história de vida de uma menina surda-cega, sua vida familiar e escolar. Depois de assistirem ao filme, os alunos da oficina elaboraram uma crítica sobre o mesmo.

O primeiro texto é de N., uma aluna com 24 anos de idade e que tinha facilidade na escrita do português. Além disso, essa aluna já tinha concluído um curso universitário.

TEXTO 1

“A atriz Rani Mukherje e o ator Amitabh fizeram muito bem no filme Black. Esse filme é mais emocionante e nunca imaginava visto esse filme. Excelente. A história do filme fala sobre a menina surda e cega e professor (...). Foi maravilhoso ver isto!!!”

Percebe-se nesse texto que N. possui um bom nível de letramento na língua portuguesa e que entendeu a proposta de fazer uma crítica sobre o filme. Em contrapartida, a aluna Al., 33 anos, ensino médio completo, quando questionada em língua de sinais a respeito do filme conseguiu fazer uma crítica criteriosa, porém se recusou escrever sua crítica em português alegando que era muito difícil.

Com relação as trocas linguísticas possibilitadas durante os encontros da oficina notou-se que os encontros do grupo proporcionam tanto trocas em libras quanto em

língua portuguesa. Uma das maneiras que favoreceu as trocas foi durante as discussões ocorridas durante as oficinas. Em uma dessas atividades propôs-se que os integrantes escrevessem textos em duplas, dessa forma, os alunos com maior facilidade no uso do português escrito poderiam auxiliar na escrita de seu colega. O gênero trabalhado nesta oficina foi notícia. Este gênero já havia sido estudado no encontro anterior, quando foram lidas e trabalhadas reportagens de jornal. Os alunos fizeram duplas e sortearam uma temática para escreverem uma notícia.

O texto que segue é da dupla Rs. e de Am. Am. é uma menina de 15 anos que cursava o 2º ano do Ensino Médio e RS tem 23 anos e já concluiu o Ensino Médio. Am sempre pedia ajuda do intérprete durante as oficinas principalmente com relação ao vocabulário da língua portuguesa. Rs buscou a oficina com o desejo de ser bilíngue. Disse querer melhorar a troca de palavras que fazia ao escrever em português.

Rs. escreveu o texto praticamente sozinho, mas Am. Acompanhou atentamente todo esse processo. Durante a elaboração do texto, Rs fez diversas perguntas aos professores da oficina, principalmente relacionadas a escrita em português de um determinado sinal. Rs. sabia o sinal da palavra na Libras, mas não sabia como era a escrita no português. Am. observava Rs., mas sem opinar sobre a sua escrita. No final do texto sugeriu acrescentar a profissão de arquiteto, já que é faculdade que quer cursar. Rs. escrevia as frases e traduzia cada uma delas para Libras à Am e no final ambos leram e aprovaram seu texto.

A temática sorteada por esta dupla foi Dia do Surdo.

TEXTO 2

“Mil anos atrás os surdos sofremos e preconceito os soldados violência dos surdos são proibido trabalham, faculdade, escola e dinheiro com aposta e muito tristeza. Ai o futuro o presidente mudou já está liberdade dos surdos podemos trabalhamos, escola e a faculdade, acabou passado sofreu. Porque alguém pessoa viu surdos fazer novo libras como é português e gostando foi ideia pode ir liberdade como os surdos temos veem olhos, falar voz, libras, ler consigo, consigo casar e filhos estão todo mundo melhorou também são deficientes como é inteligente. O por que Dia do Surdo? Por isso os surdos temos culturamos pela libras igual com português e isso pelo dia especial dos surdos. E também surdos podem fazer curso de carro e moto ou curso mecânica ou etc... Precisamos médico, arquitetura, professores, corretor, motorista.”

No texto 2 nota-se que a dupla usou seus conhecimentos a respeito da surdez para elaborar uma notícia a favor do dia do surdo, explicando que os surdos podem fazer tudo normalmente como os ouvintes, mas que por conta de todo sofrimento que tiveram merecem um dia especial, o dia do surdo.

No próximo texto, outra dupla escreveu uma notícia a respeito de uma passeata de surdos. A dupla composta por Rh. e Al. Rh tem 24 anos e cursa Educação Física na universidade, já possuía maior facilidade com a escrita. Buscou a oficina para aprimorar o português. Já Al., 33 anos, e já concluiu o Ensino Médio. Al. apresentou dificuldades com o português escrito logo no primeiro encontro, quando, ao ler um texto, não conseguia entender o significado de palavras como: escola especial, escola regular, sinais, jornal, resposta. Rh. escreveu o texto sozinho, sem ler as frases para sua colega. Al. não chegou a participar da elaboração do material e não se prontificava a ler o que

seu colega escrevia. Em poucos momentos deu sua opinião a Rh. Seus posicionamentos foram sempre em Libras e sem relacionar a Língua de Sinais com a Língua Portuguesa escrita.

TEXTO 3

“O todo Brasil andou na rua passeata para Brasília, os surdos brasileiros muito queria anti-inclusão envolvimento misturado horrível, foco para especial de surdos na escola especial, falta de interpretação, de legenda, de close cup. Tudo isso os surdos importante trazia informação, conhecimento desenvolvimento mas problema que não concorda alguma para Mec porque Mec se não interesse para escola especial. Em Mec e os presidentes, o governo, prefeitura não tem experiência, nada conhecimento no Brasil está mais ou menos mas vai ter desenvolvimento. Os surdos mostram a crítica enfrenta para Brasília. Eles queriam igualdade para ser humano. Entre os surdos e os ouvintes são igualdade diferente porque eles são cultura diferentes pelo respeito. Eles aprendem aprender a lição.”

Percebe-se que também nesse texto, os surdos usam seu conhecimento sobre os surdos, sua história e sua cultura para escrever sua notícia e também dar sua opinião sobre o direito a igualdade entre surdos e ouvintes.

Com relação ao uso da língua portuguesa pelos surdos que fizeram parte dessa oficina, durante os encontros percebeu-se que os surdos passaram a refletir mais sobre a língua portuguesa e seus usos, após mais oportunidades de vivência com essa língua. Notou-se que a medida que os participantes foram se consolidando enquanto grupo passaram também a responder as dúvidas de outros participantes que surgiam durante os encontros.

Outro aspecto percebido durante os encontros é que todos os integrantes do grupo faziam questão inicialmente de discutir apenas aspectos da gramática da língua portuguesa em detrimento de seu uso social. Dois meses após o início do trabalho notou-se um forte vínculo entre os participantes. Esse vínculo fez com que eles começassem a discutir, trocar ideias, experiências entre si, estabelecer relações, compartilhar interesses, dificuldades e motivações sem que houvesse a interferência dos profissionais.

Considerações finais

Após cinco meses de encontros nas oficinas com a língua portuguesa percebeu-se que as experiências que os surdos têm com a língua escrita por meio de práticas de letramento, interferem nas suas produções escritas durante os encontros. Além disso, notou-se que o nível de letramento de cada sujeito interferiu nas atividades de leitura e escrita realizadas durante os encontros do grupo.

Outro aspecto observado é que durante as discussões em língua de sinais todos os alunos se arriscavam mais, comentavam, discutiam, questionavam, trocavam ideias, porém, no uso da língua escrita percebeu-se maior dificuldade para escrever textos mais complexos. Conclui-se, portanto que, a Libras, língua dos participantes dessa oficina, foi a base de todo esse processo. Além disso, as construções escritas só tornaram-se possíveis por haver uma língua em comum entre os participantes e os outros integrantes

do grupo. Os resultados demonstram que por meio das oficinas participantes surdos passaram a ressignificar a língua portuguesa escrita; tendo assim a possibilidade de inserir-se em práticas sociais de leitura e escrita que diretamente podem melhorar sua qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Editora HUCITEC. São Paulo: 1995.

BRAIT, Beth. *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

FERNANDES, Sueli. *Surdez e linguagens: é possível o diálogo entre as diferenças?* 1998, 216 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba: 1998.

GARCIA, A. L. M.; MORI-DE-ANGELIS, C.C. *Letramento e atuação fonoaudiológica em Unidades Básicas de Saúde*. Relatório final de pesquisa apresentada na PUC/SP, 2004.

GUARINELLO, A.C. *O papel do outro na escrita de sujeitos surdos*. São Paulo: Plexus, 2007.

GUARINELLO, A.C.; BERBERIAN, A.P.; SANTANA, A.P.; BORTOLOZZI, K.B.; SCHEMBERG, S.; FIIGUEIREDO, L.C. Surdez e letramento: pesquisa com surdos universitários de Curitiba e Florianópolis. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.15, n.1, p.99-120, 2009.

GUARINELLO, A.C.; MASSI, G.; BERBERIAN, A.P. Surdez e Linguagem Escrita: um estudo de Caso. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.13, n.2, p.205-218, 2007.

MASSI, G.; BERBERIAN, A.P.; GUARINELLO, A.C.; BORTOLOZZI, K.B.; PELLANDA, A. Enfoques acerca da aquisição da linguagem escrita: distúrbios ou hipóteses. In: BERBERIAN, A. P.; MASSI, G. A.; GUARINELLO, A. C. (Org.). *Linguagem escrita: referenciais para a clínica fonoaudiológica*. São Paulo: Plexus, p.39-60, 2003.

RIBEIRO, V.M. *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2004.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Rev Bras Educação*. Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, 2004.

SVARTHOLM, K. Bilingüismo dos surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da educação bilíngüe*. Porto Alegre: Mediação. v.2, p. 15-24, 1999.